

## A OPERAÇÃO ROLLING THUNDER: OS ATAQUES AÉREOS DOS EUA E A DEFESA DO VIETNÃ DO NORTE 1965-1968\*

### THE OPERATION ROLLING THUNDER: THE US AIR STRIKES AND THE DEFENSE OF NORTH VIETNAM 1965-1968

DR. JOHNY SANTANA DE ARAÚJO\*\*  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina, PI, Brasil  
Email: johnysant@gmail.com  
Id-ORCID: 0000-0003-3082-1785

#### RESUMEN

Em 1965, o presidente Lyndon Johnson enviou os primeiros contingentes militares dos EUA ao Vietnã do Sul e deflagrou uma grande campanha de bombardeios ao Vietnã do Norte chamada *Rolling Thunder*. Este artigo discorre sobre a reação do Vietnã do Norte com o seu sistema defensivo aos ataques, utilizando aviões MiG-17 e MiG-21, como tirou o máximo proveito de suas habilidades e de seu equipamento e de que forma superou as adversidades, suas próprias limitações e o imenso poder aéreo norte-americano.

**Palavras-chaves:** Conflito no Sudeste Asiático; guerra aérea; Guerra Fria; Vietnã do Norte

#### ABSTRACT

In 1965 President Lyndon Johnson sent the first military contingent of the US to South Vietnam and sparked a major campaign of bombing North Vietnam called *Rolling Thunder*. This article aims to discuss how the North Vietnamese reacted with its defensive system to attacks using MiG-17 and MiG-21 aircraft, how they had made the most of their skills and equipment in this battle and how they have overcome adversity, their own limitations and the huge US air power.

**Keywords:** Conflict in Southeast Asia; Air War; Cold War; North Vietnam

---

\* Recibido: 29 de abril de 2019. Aprobado: 4 de marzo de 2020.

\*\* Artigo científico. O artigo é resultado de um projeto de pesquisa intitulado: “Nacionalismos, guerras modernas e conflitos contemporâneos”, que desenvolvo com o Núcleo de Pesquisa que sou coordenador da Universidade Federal do Piauí - UFPI, denominado: Núcleo de História, Memória, Sociedade e Política.

**Cómo citar:** Santana de Araújo, Johnny. (2020). “A operação Rolling Thunder: os ataques aéreos dos EUA e a defesa do Vietnã do Norte 1965-1968”. *Revista Historia Social y de las Mentalidades*, 24(1), 413-450. DOI: 10.35588/rhsm.v24i1.3868.

## 1. INTRODUÇÃO

A guerra do Vietnã, na fase mais efetiva da participação dos Estados Unidos da América (EUA) de 1964 a 1975, pode ser considerado um dos conflitos mais quentes da guerra fria, talvez o conflito mais tenso do período, conhecê-lo em nível razoável por si só traduz a imensa relevância em se escrever um estudo.

A guerra do Vietnã foi um conflito com vários lados envolvendo vários atores, vietnamitas, norte-americanos e internacionais, impulsionado por motivos extraordinariamente complicados e instáveis. Portanto, analisaremos como se deu o desenvolvimento e evolução de uma de suas operações da guerra, a operação *Rolling Thunder*, a intensa campanha de bombardeio desenvolvida pelos EUA contra o Vietnã do Norte entre 1965 e 1968.

Procuramos demonstrar no texto o grau de importância creditado pelos EUA a ela, na crença de que a mesma debilitaria o Vietnã do Norte com a pretensão de leva-los à mesa de negociações, ao tempo em que pouparia a vida de soldados americanos e encorajaria o Vietnã do Sul sobre a certeza de sua soberania, muito controversa e carregada de enganos, um dos mais significativos foi a crença de que o Vietnã do Norte se dobraria ante ao imenso poder aéreo dos EUA, o que de fato não aconteceu. Um objetivo primordial do texto é mostrar como as forças do Vietnã do Norte foram capazes de resistir as investidas da aviação dos EUA, sem sucumbir a ofensiva aérea.

Uma das maiores relevâncias dessa pesquisa também decorre da ampla necessidade de se produzir conhecimento sobre o assunto, pois em grande medida ainda é um tema muito restrito aos meios militares norte-americanos, europeus Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), aos seus aliados, aos debates acadêmicos nos EUA e leitores específicos interessados na guerra.

Estudos sobre a guerra sempre foram mais comuns nos EUA, havendo uma notável escassez de pesquisas sobre o conflito na América Latina, sobretudo no Brasil, especialmente sobre a primeira grande ofensiva aérea da guerra, a operação *Rolling Thunder*. A própria narrativa sobre o objeto a partir de uma perspectiva empírica faz-se necessário.

Há muitas publicações estrangeiras, mas há uma ausência substancial de uma historiografia brasileira sobre o assunto, salvo destaque para (Visentini),

que trata do conflito como uma grande revolução. Há poucos textos de capítulos de livros que tratam genericamente da guerra (Magnolli), e um trabalho mais denso que investiga questões políticas e de estado (Bandeira). Há alguns capítulos de historiadores estrangeiros traduzidos como o de Eric Hobsbawm sobre a guerrilha no Vietnã do Sul (Hobsbawm), o texto de Pierre Journoud sobre a guerra como um todo (Journoud) e o trabalho de John Pimlott sobre a operação *Rolling Thunder* na coleção Guerra na Paz, mas somente recentemente foi editado um livro mais genérico sobre o conflito (McNab e Wiest).

De um modo geral, há uma vastíssima bibliografia nos EUA dedicada à Guerra do Vietnã, que se centra a partir de três perspectivas: uma primeira geração de estudos acadêmicos provenientes de fontes oficiais norte-americanas. Uma segunda geração que se respaldou em documentos capturados ou recolhidos durante a guerra. Esses documentos capturados deram as primeiras impressões sobre a perspectiva comunista. O corpo documental norte-vietnamita, as fontes primárias e secundárias dos chineses e os documentos russos em seus idiomas originais e traduzidos, que somente tornaram-se disponíveis na década de 1990, levando os estudos para uma terceira geração de trabalhos que incluiu a versão oficial comunista do conflito, aqui se inclui o livro, *Victory in Vietnam*, com pesquisas do (Military Institute of Vietnam). Sobre o amplo aspecto da discussão no campo historiográfico, sobre as três gerações de estudos é imprescindível ver as pesquisas de Guan, Moyar, Logevall, e Hopkins.

Passados mais de 50 anos as fontes começam aparecer em uma quantidade maior, nos EUA fruto de uma política oficial de desclassificação de documentos,<sup>1</sup> e com o restabelecimento das relações entre EUA e Republica Popular do Vietnã em princípios dos anos de 1990, antigos inimigos igualmente começaram a debater sobre os combates que travaram nos céus do Vietnã durante a guerra,<sup>2</sup> Essa é uma história que em grande medida ainda precisa ser entendida por boa parte das pessoas que provavelmente veem a guerra como algo distante, ou como algo superado e ainda problemático para outros, pelo menos nos EUA.

A memória desta agora carece ser vista porque há possibilidade de se saber mais sobre o tema, ao tempo em que precisa ser revisto o que já foi escrito por ambos os lados em decorrência do surgimento de novas fontes, afim de que sejam colididas, analisadas e interpretadas para que se possa refletir com mais

---

1 Essa política é garantida por conta de uma lei chamada *Freedom of Information Act* (FOIA). Lei da Liberdade de Informação. É uma lei federal que exige a divulgação total ou parcial de informações e documentos inéditos, controlados pelo governo dos EUA mediante solicitação.

2 De 2017 a 2018 aconteceram encontros e reuniões de pilotos veteranos de caça do Vietnã com pilotos veteranos dos EUA, primeiro no Vietnã e depois nos EUA.

profundidade na compreensão da história, política, social e militar de um Vietnã do Norte que se lançou tão efetivamente em uma guerra de unificação nacional e dos EUA a se aventurarem no distante sudeste asiático em nome do “combate ao comunismo”.

Para esse estudo, nos limitamos há um comentário essencial de parte da bibliografia utilizada e mesmo o apontamento de trabalhos recentes produzidos inclusive no Vietnã. Estudos sobre as campanhas aéreas já há certo tempo foram produzidas, (Morrocco); (Nichols and Barrett); (Schlight).

À medida que a documentação foi se tornando mais disponível, também começou a surgir trabalhos mais críticos sobre os insucessos dos EUA (R. Thompson); (Van Staaveren). Entre os trabalhos novos encontra-se o de Cosmas, sobre o planejamento da guerra aérea e o papel desempenhado pelo Estado Maior Conjunto dos EUA durante a *Rolling Thunder*, nos anos de 1960-1968.

As discussões que anteriormente eram somente norte-americana acabaram por se deslocar e começaram a surgir trabalhos sobre a visão da guerra aérea pelo lado da República Popular do Vietnã.

Tanto a bibliografia oriunda dos novos entendimentos a respeito da guerra e da guerra aérea pelo lado norte americano quanto as publicações do Vietnã tratam a narrativa sobre a luta a partir de uma documentação autorizada, e representa uma possibilidade de compreender sobre o embate a partir de ambos os olhares, em uma guerra cuja derrota, tem sido atenuada pela apresentação maciça de que supostamente as forças aéreas dos EUA teriam feito um diferencial.

Por outro lado, houve tenaz resistência dos norte-vietnamitas e seus pilotos, o que pode ser atestada pelo relato de seus protagonistas através das memórias recentemente publicadas sobre os pilotos do Vietnã que enfrentaram os aviadores norte-americanos, como atestado no trabalho de (Boniface), no estudo de (Davies) e na pesquisa de (Hung e Liên).

Sobre as fontes é possível identificar que o novo material renovou as possibilidades de escrever a respeito da guerra. Parte desta nova documentação surgiu dos arquivos dos EUA como resultado da auspiciosa desclassificação na última década, permitindo que aparecessem pesquisas mais robustas e com mais detalhes sobre os vários estágios do envolvimento dos EUA no Vietnã, ao tempo em que tem possibilitado continuamente uma maior investigação sobre as várias especificidades da guerra do Vietnã.

As fontes utilizadas nessa pesquisa em grande medida foram desclassificadas pelo Departamento de Defesa dos EUA, entre os quais os documentos chamados *Pentagon Papers*, que foram divulgados ainda na década de 70 pelo *New York Times* e pelo *The Washington Post*, revelados clandestinamente por um funcionário do Pentágono chamado Daniel Ellsberg.

Essas fontes foram produzidas por solicitação do secretário Robert McNamara. Somente em junho de 2011, a totalidade da documentação foi desclassificada e divulgada publicamente, foi digitalizada encontrando-se disponível no “Office of the Federal Register, National Archives and Records Administration (NARA)” Arquivo Nacionais dos EUA.

Foi utilizado igualmente fontes hemerográficas, especificamente as disponibilizadas pelo jornal francês *Le Monde*, e o jornal norte-americano, *Chicago Tribune*, que adicionadas a fontes primárias derivada da bibliografia possibilitam uma compreensão do significado da guerra aérea desenvolvida pelos EUA entre os anos de 1965 a 1968.

Na Biblioteca presidencial Lyndon Baines Johnson encontra-se uma documentação online digitalizada e desclassificada, onde foi possível ter acesso a parte dos discursos do presidente Johnson. No site “The Public Papers of the Presidents,” que é um arquivo online, igualmente organizado pelo NARA, contém a compilação e publicação das mensagens presidenciais do período, ambos arquivos nos permite avaliar as decisões mais importantes do presidente sobre o Vietnã e sobre a operação *Rolling Thunder*.

O projeto do Wilson Center chamado Cold War International History Project na seção Vietnam War - Digital Archive International History Declassified permitiu-nos analisar por meio de uma documentação digitalizada e disponibilizada online, a fala de líderes do Vietnã do Norte entre os quais Le Duan e Liu Shaoqi então presidente da República Popular da China, o site possui uma rica documentação entre os quais dos arquivos da Albânia, e Alemanha Oriental sobre as relações entre eles e o Vietnã do Norte. A coleção também inclui vários telegramas e memorandos chineses trocados com o Vietnã do Norte, além de discussões entre Zhou Enlai e Mao Zedong.

Na documentação de Estado dos EUA foi possível ver as mensagens e as cartas do presidente dos EUA Lyndon Johnson, trocadas com o presidente da República Popular do Vietnã, Ho Chi Minh, sobre a responsabilidade de ambos no conflito, documentos que permitem sentir a dramaticidade da guerra transmutada para suas escritas e a sinceridade da opinião de seus interlocutores.

Há pouco mais de três décadas, os historiadores estavam limitados a fontes dos EUA e da Europa Ocidental, tornando impossível escrever com autoridade sobre o próprio Vietnã ou sobre os aliados do Vietnã do Norte, China, União Soviética e países da Europa Oriental.

Essa realidade mudou com o fim da Guerra Fria. Os países da Europa Oriental foram mais longe e abriram seus arquivos para os pesquisadores. Por seu lado, o governo russo abriu alguns registros da era soviética. Parte dessa documentação encontra-se disponibilizada junto ao Wilson Center, dentro do

“Cold War International History Project”. Os documentos russos de um modo geral permitiram a produção de trabalhos sobre o equipamento militar adotado pelo Vietnã do Norte tal como tratado por (Mladenov) sobre os caças MiG-21.

Com fim da Guerra Fria, a China e o Vietnã não produziram mudanças políticas significativas, mas mesmo seus governos gradualmente foram permitindo o acesso a alguns registros dos anos da Guerra Fria.

Apesar das tensões históricas entre ambos, novas fontes disponíveis mostram que os chineses ajudaram os norte-vietnamitas com assessores militares, engenheiros e técnicos desempenhando funções valiosas, como reparar pontes e linhas ferroviárias, construir e realocar fábricas, na construção de bases aéreas e treinando tripulações de caças em fins da década de 1950. Os novos documentos esclarecem sobre a vasta quantidade de equipamentos e mão de obra que a China forneceu ao Vietnã do Norte durante os combates contra as forças dos EUA.

O trabalho sobre a Força Aérea Popular do Vietnã (*Torpeczer Air War Over North Vietnam*) e sobre as unidades de caça daquela força (*Torpeczer MiG-17 and MiG-19*), possibilitaram conhecer melhor sobre a estrutura de defesa aérea do Vietnã do Norte construída com ajuda da Rússia e da China, sobretudo por conta da quantidade de dados oficiais utilizados pelo autor. Foi possível observar que eles ajudaram o Vietnã do Norte com a criação da sua Força Aérea, formando pilotos em suas academias, construindo a sua defesa antiaérea, fornecendo radares e armas antiaéreas entre os quais, canhões e mísseis.

As aberturas de arquivo na China, assim como no Vietnã, permanecem parciais e seletivas, deixando os estudos enraizados em fontes recém acessíveis suscetíveis ao debate e revisão à medida que mais documentação vai se tornando disponível permitindo a visão do lado norte-vietnamita como demonstrado nos trabalhos de (Asselin); (Guan) e o estudo de (Walton), que comparados à quase impossibilidade de realizar esse tipo de trabalho a três décadas atrás, representam um progresso notável no sentido de repensar a Guerra do Vietnã como um episódio não apenas na história dos EUA, mas também na história vietnamita e mundial.

Alguns desses documentos, embora digitalizados, ainda são pouco conhecidos e explorados na América Latina, como toda a narrativa sobre o conflito no Vietnã de um modo geral, cuja preocupação com a Guerra Fria ainda é pautada muito nas pesquisas sobre os próprios conflitos protagonizados na região pelos regimes militares que estavam no poder.

A documentação específica referente a operação *Rolling Thunder* também está sendo continuamente desclassificada e digitalizada, a sua apresentação permite compreender a perspectiva da operação de ambos os lados, o texto encontra-se apoiado por uma grande bibliografia citada, na qual são combinados

trabalhos clássicos e estudos recentes, também se apropria de fontes publicadas tanto norte americanas, quanto vietnamitas.

A operação *Rolling Thunder* teve início em 1965 e acabou em 1968, ironicamente com a ofensiva do Tet (Ano Novo lunar vietnamita) desencadeada pelo Vietnã do Norte, a história que se segue pretende narrar sobre a sua construção, demonstrando o redundante fracasso militar e político de uma campanha aérea, que foi incapaz de deter o envio contínuo de tropas e armas do Vietnã do Norte ao Vietnã do Sul.

## 2. OS PRELÚDIOS DA CAMPANHA AÉREA NO VIETNÃ

A história do envolvimento militar norte-americano no Vietnã remonta ao fim da Segunda Guerra Mundial, e se entrelaça com a Conferência de Potsdam, realizada entre julho e agosto de 1945, quando os Aliados decidiram dividir o Vietnã na altura do paralelo 17, sendo cogitada a criação de duas zonas de ocupação –uma chinesa ao Norte e outra ao Sul– de responsabilidade dos britânicos (Magnoli 394). Em 1946, os franceses tentaram restabelecer o controle de sua antiga colônia. Nesse contexto, enfrentaram a oposição organizada do *Viet Minh* (abreviação de *Viet Nam Doc Lap Dong Minh Hoi* ou Liga para a Independência do Vietnã), liderada por Ho Chi Minh e pelo General Vo Nguyen Giap (Chieu 293).

Em decorrência do contexto geopolítico, o Vietnã esteve sob ocupação japonesa, posteriormente passou por uma guerra de libertação colonial, seguido de um processo revolucionário socialista. A região constituiu-se como epicentro de um “conflito quente” dentro da Guerra Fria, a luta desencadeada pela unificação nacional iria [...] ocupar posição internacional de grande impacto (Visentini 21).

Durante a guerra de libertação colonial, os EUA mantiveram uma postura ambígua; se por um lado interessava a descolonização, pois a política norte-americana se opunha ao neocolonialismo, por outro lado, dar apoio aos comunistas representava uma futura ameaça aos interesses norte-americanos no sudeste asiático.

Em 1954, os franceses sofreram uma grande derrota na batalha de Dien Bien Phu,<sup>3</sup> levando a negociações e aos acordos de Genebra, em 21 de julho de 1954. Segundo os quais, o Camboja e o Laos, que faziam parte da Colônia francesa da Indochina, tornaram-se independentes (Asselin 155-195). O Vietnã,

---

3 Sobre a campanha e a batalha, ver Keegan.

no entanto, foi dividido no paralelo 17. Ho Chi Minh liderou um governo comunista no Norte (República Democrática do Vietnã) com sua capital em Hanói, e uma nova República do Vietnã do Sul foi criada sob a presidência de Ngo Dinh Diem, com sua capital em Saigon.

A divisão seria temporária, pois haveria eleições em 1956 tanto no Norte quanto no Sul para determinar o futuro do país. Quando chegou o tempo de sua realização, o presidente Diem resistiu e se opôs a sua efetivação; O Norte mais populoso certamente venceria. O governo de Ho Chi Minh em Hanói, no Vietnã do Norte, reativou o *Viet Minh* para conduzir operações de guerrilha no Sul, com a intenção de desestabilizar o governo do presidente Diem, e propalar a unificação do país. Em julho de 1959, os líderes do Vietnã do Norte passaram à consecução de uma revolução socialista no Norte e simultaneamente à proposição de uma revolução no Vietnã do Sul, que seria consagrada com a unificação.

Cerca de oitenta mil sul-vietnamitas tinham se mudado para o Norte depois que os acordos de Genebra foram assinados, desse grupo um quadro foi retirado. Eles foram treinados, equipados e enviados de volta ao Sul para ajudar na organização e orientação da insurgência (Briggs 224).

Embora publicamente a guerra no Sul fosse descrita como uma guerra civil, no Vietnã do Sul foi guiada, equipada e reforçada pela liderança comunista em Hanói. O grupo insurgente foi chamado de *Frente Nacional para a Libertação do Vietnã*. Contudo, seus soldados se tornaram comumente conhecidos por seus oponentes como os vietcongues.<sup>4</sup>

Em fins dos anos 50 os EUA, foram gradualmente exercendo influência após a partida dos franceses, apoiando o Vietnã do Sul e o seu presidente, Ngo Dinh Diem na luta contra os insurgentes. O Partido Comunista de Mao Tsé-Tung venceu a Guerra Civil chinesa em 1949, e os governos ocidentais –particularmente os EUA– temiam a expansão comunista em todo o Sudeste Asiático. Esse medo evoluiu para a “Teoria dos Dominós”, ou seja, se um país caísse para o controle comunista, seus vizinhos também cairiam como uma fileira de dominós.<sup>5</sup> O Vietnã do Norte havia, então, estabelecido uma presença no Laos onde construiu por meio desse uma trilha chamada Ho Chi Minh, a fim de reabastecer e reforçar suas forças no Vietnã do Sul.

---

4 Vietcongue é a denominação popular da “Frente Nacional para a Libertação do Vietnã”. A palavra vietcongue provém da expressão “Việt Nam Cộng Sản”, sendo o mesmo que “comunista vietnamita”. Ver McCoy.

5 A “teoria dos dominós” foi pensada por John Foster Dulles, ex-secretário de Estado dos EUA no governo de Dwight D. Eisenhower. O presidente Johnson compartilhava com os assessores do Pentágono a crença na “teoria dos dominós” e considerava imprescindível o envolvimento norte-americano e a vitória militar no Vietnã. Sobre a teoria, ver Immerman.

O envolvimento dos EUA cresceu sob a administração do presidente John F. Kennedy, de janeiro de 1961 a novembro de 1963. Kennedy enxergava os esforços americanos no Sudeste Asiático como uma cruzada, e acreditava que se houvesse um aumento no programa de conselheiros militares com a reforma política no Vietnã do Sul, isso fortaleceria o Sul (Kaspi 178-183). Mas o presidente Diem entrou em desentendimento com os norte-americanos, sobre como conduzir a guerra contra o Vietcong e por causa de sua impopular oposição as tradicionais seitas religiosas, o qual temia ameaçar seu regime. Diem agravou ainda mais a situação, enviando forças de segurança para ocupar os santuários budistas.

Em novembro de 1963, um golpe de Estado, apoiado pela administração Kennedy, derrubou Diem; o governo dos EUA tranquilamente assegurou aos líderes militares do Vietnã do Sul que o governo norte-americano não era contrário a uma mudança na liderança e que a ajuda militar continuaria. O golpe foi liderado pelo general Duong Van Minh, o presidente deposto Diem foi assassinado durante os combates, no entanto, a intervenção militar não resolveu os problemas políticos internos e externos, levando a uma série de mudanças que desestabilizaram a conduta das forças armadas na contenção da guerrilha comunista (Visentini 67).

Nesse mesmo mês, o presidente John Kennedy foi assassinado em Dallas, no Texas. Seu sucessor, Lyndon Baines Johnson, herdou a situação do Vietnã – um problema que ele não pretendia deixar de lado. O presidente Harry S. Truman que pertencia a seu partido político, o Democrata, havia sido responsabilizado pela queda da China ao Comunismo (May 1001-1010). Johnson não queria correr o mesmo risco, retirar-se do Vietnã poderia prejudicá-lo nas eleições de 1964. Por outro lado, o Congresso nunca havia declarado a guerra e, portanto, o presidente estava limitado no que podia fazer no Sudeste Asiático.

Em 1961 a presença militar norte-americana havia sido ampliada de forma lenta, mas gradual, com a chegada de duas unidades de cavalaria aerotransportada do Exército dos EUA constituída por forças de helicópteros. Por volta de dezembro de 1963, o número de assessores militares norte-americanos no Vietnã do Sul girava em torno de 16.263 homens (Bandeira 253).

Os primeiros assessores militares oficiais dos EUA tinham começado a atuar na região desde setembro de 1950, por decisão do presidente Harry Truman, quando foi criado o *Military Assistance Advisory Group - Vietnam* (MAAG) Grupo Consultivo de Assistência Militar no Vietnã, com o intuito de ajudar os franceses a conter a ofensiva do Vietminh durante a primeira guerra da Indochina. Em decorrência do aumento da ajuda militar dos EUA para o Vietnã do Sul, foi criado, em 8 de fevereiro de 1962, outro organismo, o *Military Assistance Command – Vietnam* (MACV), Comando de Assistência Militar

no Vietnã (MACV), que tinha a função de auxiliar o MAAG,<sup>6</sup> e estava sob o comando do general do Exército William C. Westmoreland.

O MACV controlava todos os esforços de aconselhamento e assistência no Vietnã, acabou sendo reorganizado em 15 de maio de 1964, e absorveu o MAAG ao seu comando quando de sua implantação, em razão de as unidades de combate terem se tornado muito grandes para o controle de um grupo consultivo como o MAAG. O MACV foi extinto em 29 de março de 1973, quando se iniciou o Programa de Vietnamização e houve a retirada gradual das forças norte-americanas.

O evento que agravou a relação entre os EUA e o Vietnã do Norte ocorreu em 2 de agosto de 1964, quando lanchas torpedeiras da Marinha do Vietnã do Norte desencadearam uma ação militar contra a *United States Navy* (US Navy), Marinha dos Estados Unidos, na qual atacaram o navio *Maddox*; e supostamente no dia 4 do ano citado, o mesmo navio e o *Turner Joy*. As ações foram consideradas agressão deliberada contra os EUA, fato que levou o presidente Lyndon Johnson a pedir ao Senado uma resolução com amplos poderes para atuar no Vietnã; tanto o incidente quanto a resolução acabaram inaugurando o envolvimento militar em larga escala dos EUA na região.<sup>7</sup>

### 3. “NA FASE MAIS CRUCIAL”: A AMPLIAÇÃO DO ENVOLVIMENTO NORTE-AMERICANO

Logo após os incidentes do Golfo de Tonkin, o presidente Lyndon Johnson encontrava-se diante de grandes dificuldades para lidar com a situação política no Vietnã do Sul, em grande medida por conta da ação constante dos guerrilheiros vietcongues. Convencido pelos argumentos de seus acessores, e amarrado à teoria dos dominós, Johnson, optou por uma efetiva demonstração de força por parte dos EUA contra o Vietnã do Norte, evidenciando ainda mais o seu apoio aos Sul-vietnamitas.

Em 1964, a maioria dos assessores civis que cercavam o presidente Lyndon Baines Johnson compartilhava, em alguma medida, com os oficiais militares do *Joint Chiefs of Staff* (JCS)<sup>8</sup> Estado Maior Conjunto, na confiança e eficácia

---

6 Ver Stanton.

7 Sobre o incidente ver Moise.

8 O JCS *Joint Chiefs of Staff* (Estado Maior Conjunto) é um corpo de oficiais militares superiores lotados no Departamento de Defesa dos EUA que assessoram o secretário de Defesa, o Conselho de Segurança Nacional e o presidente dos EUA em assuntos estratégicos. Sobre os aspectos e particularidades do JCS *Joint Chiefs of Staff* ver Cosmas.

de um bombardeio estratégico contra o Vietnã do Norte (Tilford, *Setup* 92). Uma série de operações de ataque aéreo que poderiam debilitar a sua capacidade de lutar.

Eles argumentavam que um pequeno país como o Vietnã do Norte, com uma incipiente base industrial que havia acabado de sair de uma guerra colonial, poderia não estar disposto a arriscar a sua viabilidade econômica recém-estabelecida para apoiar uma insurgência no Vietnã do Sul caso fosse intimidado (Tilford, *Setup* 92).

Os civis e os militares do *Joint Chiefs of Staff*, no entanto, tinham opiniões diferentes sobre como deter o apoio do Vietnã do Norte à insurgência no Sul. Os civis pensavam em termos da mudança de comportamento do regime, enquanto os militares estavam mais preocupados em quebrar a sua vontade de lutar (Cosmas 34, 162).

Desde março de 1964, o *Commander in Chief, Pacific Command* (CINCPAC) Comandante em chefe do Comando do Pacífico, começou a desenvolver planos para sustentar uma campanha aérea de oito semanas, projetada para ser expandida em três etapas. Este plano foi apresentado no final de agosto e chamado de CINCPAC, OPLAN 37-64; incluía uma “lista de 94 alvos”, entre os quais pontes, pátios ferroviários, docas, quartéis e depósitos de abastecimento (Kamps 67-80). Eram alvos selecionados com base em um critério que considerava: (a) redução do apoio norte-vietnamita às operações comunistas no Laos e no Vietnã do Sul; (b) limitar a capacidade de ação direta do Vietnã do Norte contra o Laos e o Vietnã do Sul; e finalmente (c) prejudicar a capacidade do Vietnã do Norte de continuar sendo um Estado industrialmente viável (Van Staaveren 46; Tilford, *Setup* 93).

Por um tempo, nenhuma operação se efetuada, e os planos continuaram a evoluir. Um refinamento do plano CINCPAC, OPLAN 37-64 foi desenvolvido em 29 de novembro de 1964, pelos irmãos William Bundy e McGeorge Bundy, com uma lista de alvos mais moderada, a qual o *Joint Chiefs of Staff* se opôs. O Almirante Ulysses Sharp, Comandante do CINCPAC, também havia elaborado uma série de revisões nos OPLANs anteriores, quatro ao todo, mas nenhuma deliberação foi adotada em relação a estes, até o *Joint Chiefs of Staff* aprovar o OPLAN 37-65 com a possibilidade de modificações (United States of America, Pentagon Papers 5; Cosmas 147).

Em 27 de Janeiro de 1965, a situação de indecisão sobre o envolvimento dos EUA na Indochina entrou “na fase mais crucial”, e crítica, pois de acordo com o memorando preparado por Robert McNamara e McGeorge Bundy tratava-se de “uma estrada bifurcada”, pois era hora de “escolhas mais difíceis”: fosse para comprometer as forças americanas e “forçar uma mudança na

política Comunista”, posição defendida por Bundy e McNamara, ou entrar em “negociações para salvar” o pouco que poderia ser preservado. Eram duas opções sinalizadas pelo memorando: escalar para a guerra ou se retirar dela (McNamara; United States of America, Memorandum).

As decisões cruciais favoráveis à escalada foram tomadas entre fevereiro e abril, a situação havia mudado com o ataque ao acampamento Holloway em 7 de fevereiro de 1965,<sup>9</sup> o que levou a uma ação imediata. Apenas doze horas depois do assalto, o presidente Lyndon Johnson autorizou o início da Operação *Flaming Dart*, que visava bombardear alvos norte-vietnamitas anteriormente selecionados. Assim, quarenta e nove caças-bombardeiros dos EUA decolaram dos porta-aviões *Coral Sea* e do *Hancock* para atacar quartéis norte-vietnamita na cidade de Dong Hoi, a Norte do paralelo 17 (United States of America, Pentagon Papers 1).

Coincidentemente no mesmo dia 8 de fevereiro aterrissava em Hanói o primeiro ministro da União Soviética Alexei Kosygin que iniciava uma visita ao presidente Ho Chi Minh e ao Vietnã do Norte, o ataque da aviação norte-americana precipitou uma reação de protesto por parte da União Soviética e de seus aliados, que entenderam como sendo uma agressão deliberada por conta da chegada do premier russo. Em edição do dia 9 de fevereiro, o *Le Monde* deu destaque a afirmação de Kosygin de que “[...] a União Soviética esta[va] pronta para fornecer a assistência necessária para o Norte, se a sua soberania e independência fossem ameaçados” (“Kosygin em Hanói”). Tal afirmação inaugurou o início do apoio e do fornecimento deliberado de equipamentos militares da União Soviética aos norte-vietnamitas.

O ataque durante a visita do primeiro ministro estremeceu sensivelmente a situação, a ponto de os EUA procurarem explicar o fato junto a ONU. Segundo o *Le Monde*, os “[...] diplomatas norte-americanos [estavam] tentando convencer a opinião pública mundial que o ataque de retaliação não está ligado à visita do Sr. Kosygin” (“ONU: Diplomatas Americanos”). Mas já era tarde.

No campo de batalha, os guerrilheiros vietcongues não foram dissuadidos pelos ataques aéreos do dia 8 de fevereiro; e eles lançaram outra ofensiva a uma instalação dos EUA na cidade de Qui Nhon, em 10 de fevereiro de 1965, que

---

9 O Campo Holloway era uma base de helicópteros dos EUA que sofreu um ataque de guerrilheiros vietcongues; além do campo, houve um ataque contra conselheiros militares americanos em Pleiku. Dos 137 soldados americanos atingidos nos dois ataques, nove acabaram morrendo, dezesseis helicópteros foram danificados ou destruídos e seis aeronaves de asa fixa danificadas, tornando este o mais pesado assalto dos guerrilheiros comunistas até então contra instalações americanas no Vietnã do Sul. Ver: United States of America, Pentagon Papers 1.

causou a morte de mais vinte e três militares norte-americanos. Em resposta, uma força combinada de vinte caças bombardeiros F-100 Super Sabre, norte-americanos e vinte e oito aviões de ataque A-1H Skyraider, sul-vietnamitas lançaram uma grande operação contra os norte-vietnamitas, visando alvos em uma municipalidade chamada Chap Le. Simultaneamente, as aeronaves da Marinha atacaram Chanh Hoa, próximo da cidade de Dong Hoi, também localizada ao Norte do paralelo 17, perto da zona desmilitarizada. A operação foi batizada de *Flaming Dart II* (United States of America, Pentagon Papers 11, 27).

Seguiu-se uma pausa de dezenove dias, com o objetivo de checar se os norte-vietnamitas estavam dispostos a interromper seus ataques (o que não ocorreu) e para que se pudesse regularizar a campanha de bombardeamento.

Nesse ínterim, atendendo a uma solicitação do General William Westmoreland, o presidente Johnson autorizou o envio de um contingente a fim de proteger a base aérea de Da Nang; no dia 8 de março de 1965, dois batalhões de fuzileiros navais dos EUA começaram a desembarcar nas praias perto da Base. A chegada dos fuzileiros navais inaugurou o envolvimento direto de unidades de combate norte-americanas na Guerra do Vietnã, pois eram as primeiras forças militares oficiais dos EUA que poderiam atuar no combate direto contra os vietcongues. Até o final daquele mês, quase 5.000 fuzileiros navais desembarcaram em Da Nang (Shulimson and Johnson 11). Em julho de 1965, o presidente Johnson anunciou ainda que enviaria mais 50 mil soldados ao Vietnã, aumentando a forças norte-americanas de 75 mil para 125 mil.

#### **4. “VAMOS FAZE-LOS VOLTAR A IDADE DA PEDRA”: O INÍCIO DA OPERAÇÃO ROLLING THUNDER 1965**

Os ataques ao acampamento Holloway e a Qui Nhon levaram a uma reconsideração sobre os planos para uma campanha aérea sustentada. Em 13 de fevereiro, um novo plano, juntando metas e prioridades a partir das listas produzidas pelos irmãos Bundys e o *Joint Chiefs of Staff*, foi aprovado e recebeu o nome *Rolling Thunder*. A campanha não era destinada a combater ações específicas dos norte-vietnamitas, ela foi repensada e concebida como uma resposta maior para as crescentes hostilidades do Norte contra o Sul.

Embora houvesse assessores do governo que acreditavam que a campanha teria um custo financeiro muito alto, e que ela poderia não funcionar, por outro lado, acreditava-se que era “[...] um risco aceitável, especialmente quando considerados contra a alternativa de introdução de tropas de combate norte-americanos” (Morrocco 40). Em 7 de fevereiro de 1965, McGeorge Bundy

preparou um memorando ao presidente Lyndon Johnson, no qual explicava as razões para as operações aéreas dos EUA contra a República Popular do Vietnã do Norte, justificando o que chamava de “política de represálias sustentada”. Segundo o próprio McGeorge Bundy:

Acreditamos que a melhor maneira disponível de aumentar a nossa chance de sucesso no Vietnã é o desenvolvimento e execução de uma política de represálias sustentada contra o Vietnã do Norte - uma política na qual ação aérea e naval contra o Norte é justificada - sendo esta relacionada com toda a campanha de violência e terror dos vietcongues no Sul. Enquanto acreditamos que os riscos de tal política são aceitáveis, enfatizamos que os seus custos são reais. Isso implica perdas aéreas significativas dos EUA, mesmo se guerra aérea não seja totalmente conjunta, parece provável que ele acabaria por exigir um esforço extenso e caro de todo o sistema de defesa aérea do Vietnã do Norte. (United States of America, Pentagon Papers 35).

A nova série de ofensivas denominada Operação *Rolling Thunder* iniciou-se em 2 de março de 1965, o governo norte-americano também esperava que os ataques ao Vietnã do Norte pudessem ajudar a melhorar o moral militar do Vietnã do Sul, impedindo, pela ação de sua aviação, o fluxo de soldados e o apoio logístico do Norte aos guerrilheiros vietcongues no Sul. Acreditava-se ainda que a devastação causada pelos ataques aéreos a infraestrutura do Vietnã do Norte tenderia a forçá-lo à retirada de suas forças da fronteira com Vietnã do Sul ou trazer o governo de Hanói para a mesa de negociações. Naquela ocasião, o presidente americano prometeu a suspensão dos bombardeios em troca da abertura de negociações de paz, tal como ocorreria em Paris em maio de 1968.

Essa determinação pode ser confirmada pelo “Relatório do Gabinete do Secretário da Força-Tarefa de Defesa do Vietnã”, ao que tange sobre as pretensões do governo dos EUA com a Operação *Rolling Thunder*.

As decisões dos Estados Unidos, nos primeiros meses de 1965, de lançar um programa de ataques aéreos de retaliação contra o Vietnã do Norte, foram evoluindo progressivamente para uma campanha de bombardeamento sustentado e de crescente intensidade, foram feitas num contexto de preocupação angustiada sobre a ameaça de colapso iminente do Governo do Vietnã do Sul e do seu esforço militar contra o Vietcongue. A guerra aérea contra o Norte foi lançada na esperança de que isso fortaleceria GvN [Government of the Republic

of Vietnam/Governo da Republica do Vietnã] dando confiança e coesão, e que iria impedir ou restringir o DRV [Democratic Republica of Vietnam/Republica Democratica do Vietnã] de prosseguir o seu apoio à guerra revolucionária no Sul. Havia esperança também de que um esforço bastante modesto de bombardeio seria suficiente para a demonstração da determinação dos EUA de assumir os riscos e custos potenciais e deixar implícito ao Norte que os ataques aéreos iniciais forneceriam aos EUA um poder de barganha substancial que iria corrigir a “equação de vantagem” para que uma solução política pudesse ser negociada em termos aceitáveis. (United States of America, Pentagon Papers 1).

Em 7 de abril de 1965, o presidente Lyndon Johnson proferiu seu primeiro grande discurso sobre a Guerra do Vietnã, o evento foi realizado na Universidade Johns Hopkins, e foi televisionado para mais de sessenta milhões de espectadores nos EUA e em todo o mundo.

A oposição ao conflito tinha começado a crescer por causa da Operação *Rolling Thunder*, a campanha de bombardeio havia iniciado no mês anterior. Lyndon Johnson ordenou a sua Equipe para compor um discurso com o propósito de abrandar seus críticos.

O nosso objetivo é a independência do Vietnã do Sul, e sua liberdade de ataques [do Vietnã do Norte]. Não queremos nada para nós mesmos, somente que o povo do Vietnã do Sul seja liberado para guiar seu próprio país de sua própria maneira. Vamos fazer tudo o necessário para atingir esse objetivo. E vamos fazer apenas o que for absolutamente necessário. Nos últimos meses, os ataques ao Vietnã do Sul foram intensificados. Assim, tornou-se necessário realizar ataques aéreos para que possamos aumentar a nossa resposta. [...] Fazemos isso para aumentar a confiança dos corajosos povos do Vietnã de Sul que bravamente tem suportado esta batalha brutal durante tantos anos com tantas vítimas. E fazemos isso para convencer os líderes do Vietnã do Norte e a todos os que procuram partilhar a sua conquista de um fato muito simples: Nós não seremos derrotados. [...] Sabemos que ataques aéreos por si só não vão conseguir todos estes fins. Mas é o nosso melhor julgamento de espírito que eles são uma parte necessária do caminho mais seguro para a paz. (Johnson 394-399).

Mas o discussão não acalmou todo o país, a oposição já era bastante significativa e começava a ganhar mais força em diferentes meios da sociedade. Em fins de 1964, a maioria do Congresso norte-americano e o povo apoiavam a participação dos EUA no conflito, apesar da oposição inicial de alguns senadores como Ernst Gruening, e Wayne Morse.<sup>10</sup>

No início de 1965 os protestos contra a guerra começavam a se tornar maiores e mais frequentes, sobretudo entre os estudantes universitários. Na Universidade de Michigan, o primeiro fórum para discutir e protestar contra a Guerra do Vietnã foi realizado entre os dias 24 e 25 de março, 3.500 pessoas participaram. Em 17 de abril ocorreu, na capital Washington, a primeira grande manifestação contra a Guerra do Vietnã nos EUA, quando perto de 20.000 pessoas se reuniram para protestar contra o conflito (Small 26).

Uma organização chamada de Comitê Nacional de Coordenação pelo fim da Guerra no Vietnã coordenou no mês de outubro de 1965 grandes protestos contra a participação dos EUA na Guerra do Vietnã em pelo menos quarenta cidades norte-americanas, manifestações semelhantes ocorreram também na Europa (Bowman 127).

As queixas sobre a política dos EUA no Vietnã já tinham surgido desde o começo da década de 1960. No entanto, o início da operação *Rolling Thunder*, em março de 1965, tornou-se um marco central de estímulo para que os grupos de ativistas formassem uma coalizão clamando o fim do envolvimento norte-americano no conflito (Hall 13-17).

A escalada da violência era determinada por militares como o general Curtis Le May, que desde 1961 ocupava o cargo de Chefe do Estado Maior da *United States Air Force* (USAF) Força Aérea dos Estados Unidos. Este defendeu uma campanha de bombardeio estratégico sustentado contra cidades norte-vietnamitas, portos, entroncamentos ferroviários pontos de transporte,<sup>11</sup> e outros alvos estratégicos. Le May, inclusive foi criador de uma grande polemica, pois teria afirmado que os EUA iriam fazer o Vietnã do Norte “[...] voltar a Idade da Pedra” (Lemay and Kantor 565). Anos depois Curtis Le May negou ter afirmado isso.

No entanto, por questões geopolíticas as operações de bombardeio tinham limitações que foram impostas pelo presidente Lyndon Johnson, por razões, como ele supôs, que, caso bombardeassem os navios soviéticos e chineses nos portos do Vietnã do Norte, os assessores militares soviéticos e chineses fatalmente seriam

---

10 Sobre os debates pela ampliação dos EUA no conflito, ver Moïse.

11 Os pontos e rotas de transporte concentravam-se ao longo de uma trilha chamada Ho Chi Min e foram alvos de ataques desencadeados em conjunto por outras operações. Ver Prados.

mortos (Pimlott 605.) Tal situação afetaria constantemente o processo de tomada de decisões do presidente e do *Joint Chiefs of Staff*, pois se temiam possíveis movimentos intervencionistas da União Soviética, e da República Popular da China, ou de ambas, o que os traria diretamente para a guerra (Walton 11-13).

Nessa conjuntura, a escalada do envolvimento da China se refletia também na ampliação da ajuda militar que este poderia dar. Em abril de 1965, a China ofereceu auxílio militar efetivo para o Vietnã do Norte, com a condição de que o Vietnã formulasse o convite. Em encontro ocorrido no Vietnã, o Presidente da República Popular da China Liu Shaoqi e o Secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista do Vietnã Le Duan travaram o seguinte diálogo:

Le Duan: Queremos alguns pilotos voluntários, voluntários soldados [...] e outros voluntários, incluindo unidades de engenharia de pontes e de estradas. Liu Shaoqi: nossa política, é que nós faremos o nosso melhor para apoiá-lo. Vamos oferecer tudo o que você está necessitando, e estamos em posição de oferecer [...] Se você não nos convidar, nós não viremos; e se você convidar uma unidade de nossas tropas, iremos enviar essa unidade para você. A iniciativa será totalmente sua. Le Duan: Queremos os pilotos voluntários chineses para desempenhar um papel em quatro pontos: (1) para restringir bombardeio americano a áreas ao sul dos paralelos 20° ou 19°; (2) para defender a segurança de Hanói; (3) para defender várias linhas de transporte principais; (4) e para levantar o moral do povo vietnamita. (Wilson Center, Discussion)

O governo chinês via com muita cautela e preocupação a escalada norte-americana naquela região, a ponto de encarar como sendo uma postura desafiadora a possibilidade de os ataques da *Rolling Thunder* atingirem a fronteira da China com o Vietnã, pois, no início de 1965, quando Lyndon Johnson resolveu enviar mais tropas para o Vietnã do Sul e começar a Operação *Rolling Thunder*, Mao Tsé-Tung tinha decidido sobre três princípios básicos na formulação de estratégia da China em relação a essa questão.

Primeiro, se os norte-americanos, para além do bombardeio do Norte, utilizassem forças terrestres para invadir o Vietnã do Norte, a China teria que enviar forças militares. Em segundo lugar, o governo chinês daria avisos claros aos norte-americanos, para não expandirem suas operações militares ao Norte, de forma a não trazer a China para a guerra. Em terceiro lugar, a China iria evitar um confronto militar direto com os EUA o quanto fosse possível; mas se necessário, não iria retrair-se diante da possibilidade de confrontação (Jian 366).

## 5. A EVOLUÇÃO DA TEORIA DO BOMBARDEIO ESTRATÉGICO E SUA INCOERÊNCIA NO VIETNÃ

O aspecto mais controverso da política de bombardeio dos Estados Unidos ao Vietnã do Norte tem sido a interdição e a ideia do bombardeio estratégico. Em seu nome, os Estados Unidos bombardearam o Sul, o Norte e as linhas de fornecimento nos vizinhos Camboja e Laos. Os críticos sustentaram que a interdição e o bombardeio foram atos infrutíferos e imorais, que custaram muito e violam a reputação da América no exterior.

A Operação *Rolling Thunder* teoricamente foi considerada uma campanha estratégica. Entretanto, segundo Pimlott, tal denominação era inadequada, pois “a teoria do bombardeamento estratégico baseia-se na execução de ataques aéreos efetivos bem no interior do território inimigo, com vistas à destruição total da infraestrutura de apoio civil e militar responsável pela manutenção de seu exército no campo de batalha” (Pimlott 605).

E de fato as operações de bombardeio dos EUA no Vietnã do Norte estavam longe de serem enquadradas como operações estratégicas, sobretudo se tomarmos como exemplo a evolução desta desde a primeira guerra mundial, e em seu ápice na segunda guerra mundial durante as operações da *Royal Air Force* (RAF) Real Força Aérea e da *United States Army Air Force* (USAAF) Força Aérea do Exército dos Estados Unidos contra a Alemanha, a ideia de bombardeio com fins estratégicos começou a ser empregado ainda na primeira guerra mundial, e durante o entreguerras, a teoria começou a ganhar força como um elemento de dissuasão muito poderoso, a ideia estava ligada ao princípio da guerra total.

Alguns dos principais teóricos do bombardeio aéreo estratégico durante o período entre guerras foram o general italiano Giulio Douhet, o marechal Hugh Trenchard na Grã-Bretanha e o general Billy Mitchell nos Estados Unidos. Esses teóricos pensavam que o bombardeio aéreo do território do inimigo seria uma parte importante das guerras futuras. Esses ataques não apenas enfraqueceriam o inimigo destruindo importantes infraestruturas militares, mas também quebrariam o moral da população civil, forçando seu governo a capitular.

Embora os teóricos do bombardeio de área tenham reconhecido que medidas poderiam ser tomadas para se defender contra bombardeiros, como os caças de combate e a artilharia antiaérea, a máxima de que “o bombardeio sempre passará” permaneceu.<sup>12</sup>

---

12 A expressão foi cunhada pelo Primeiro-ministro Stanley Baldwin, durante um discurso no Parlamento Britânico em 1932, para defender a teoria do Bombardeio Estratégico.

Esses teóricos do bombardeio estratégico argumentaram que seria necessário desenvolver uma frota de bombardeiros durante o tempo de paz, tanto para deter qualquer inimigo em potencial, como também no caso de uma guerra, para poder lançar ataques devastadores às indústrias e cidades inimigas, sofrendo relativamente poucas baixas antes que a vitória fosse alcançada (Overy).

No período entre as duas guerras mundiais, pensadores militares de várias nações defendiam o bombardeio estratégico como a maneira lógica e óbvia de empregar aeronaves. Na Itália, o general Giulio Douhet, defensor do poder aéreo, afirmou que o princípio básico do bombardeio estratégico era a ofensiva, e que não havia defesa contra o bombardeio. Considerações políticas domésticas fizeram com que os britânicos trabalhassem mais no conceito do que outros países.

O modelo de Douhet baseia-se na crença de que, em um conflito, a imposição de altos custos com bombardeios aéreos pode destruir o moral civil. Isso desvendaria a base social da resistência e pressionaria os cidadãos a pedir que seus governos se rendessem. Douhet argumentou que a guerra se tornaria tão terrível que as pessoas comuns se levantariam contra seu governo, derrubariam-no com a revolução e, então, iriam pedir paz (Douhet).

As propostas de Douhet foram extremamente influentes entre os entusiastas das forças aéreas, a RAF, a USAAF e mesmo na Alemanha após a *Luftwaffe*, Força Aérea Alemã, ser ativada depois de 1933, argumentando que o braço de bombardeio era a parte mais importante, poderosa e invulnerável de qualquer exército. Ele previa que as guerras futuras durassem algumas semanas e que as Forças Aéreas desmantelariam o país inimigo, e se ele não se rendesse rapidamente, ele ficaria tão fraco após os primeiros dias que a guerra cessaria efetivamente.

Na Alemanha o general Walther Wever, que exercia o cargo de chefe de gabinete de do comandante da *Luftwaffe*, Herman Goering, foi um grande defensor dos bombardeiros pesados, mas após sua morte em 1936, o apoio ao programa de bombardeio estratégico diminuiu rapidamente e por determinação de Goering, o substituto de Wever, o general Albert Kesselring, optou por bombardeiros táticos médio.

Quando a Alemanha tomou parte na guerra civil espanhola, houve a missão de bombardeio contra a cidade de Guernica em 1937, sendo visto por muitos como uma experiência e um prenúncio do que viria pela frente. O mesmo se aplica ao Japão em sua campanha de expansão na China no mesmo ano.

Durante a segunda guerra, os alemães lançaram uma intensa campanha de bombardeio contra a Inglaterra entre julho e outubro de 1940, embora não tivesse uma conotação estratégica, tal como pensada pelo próprio Wever, o impacto dela também não abalou a moral dos ingleses, pelo contrário, desenvolveu um senso

de resposta que conduziria o marechal Arthur Harris a projetar bombardeios cada vez mais violentos contra as cidades alemãs com caráter estratégico.

Até o final de 1942, nenhuma teoria do bombardeio estratégico havia sido comprovada ou divulgada. Os americanos estavam preparando a sua campanha aérea. Arthur Harris estava se preparando para a vasta campanha que planejava implementar (Biddle). Ambas contra a Alemanha.

As operações de bombardeio na Europa especificamente os ataques a Alemanha durante a segunda guerra são provas de que o conceito funcionou relativamente, muito por conta de uma clara diferença entre a aplicabilidade do conceito de bombardeio estratégico propalado pela USAAF com ataques diurnos e com a proposta de destruição de alvos industriais, militares e de transporte em detrimento aos objetivos da Real Força Aérea (RAF) de ataque noturnos e deliberados aos mesmos alvos, mas também a alvos civis, ou seja as grandes cidades, um conceito que se relaciona muito mais a ideia de guerra total. Nesse ponto, Arthur Harris contra a Alemanha e Curtis Le May contra o Japão, foram os maiores pragmáticos da teoria de Douhet.

Na Guerra da Coreia, a USAF a princípio realizou apenas ataques táticos contra alvos estratégicos na Coreia. A Guerra da Coreia foi amplamente considerada uma “guerra limitada”, em grande medida em razão do presidente Harry Truman proibir a USAF de realizar bombardeios próximo das fronteiras da China e da União Soviética, com receio de provocar um conflito maior com esses países (Nalty and Thompson 26-27).

A grande questão no Vietnã é que a operação *Rolling Thunder* não poderia ser compreendida como uma operação de bombardeio estratégico. Quando o bombardeio do Vietnã do Norte começou no início de 1965, a lógica era a redução do fluxo de suprimentos e homens para o sul.

Foi dito ao público que a NVN [Vietnã do Norte] estava sendo bombardeada porque infiltrava homens e suprimentos na SVN [Vietnã do Sul]; os alvos do bombardeio estavam direta ou indiretamente relacionados a essa infiltração; e o objetivo de atacá-los era reduzir o fluxo e/ou aumentar os custos dessa infiltração. Esse raciocínio era consistente com a posição geral que justificava moralmente a intervenção dos EUA na guerra em termos da própria intervenção da NVN. (United States of America, A Staff Study).

A justificativa para o bombardeio era uma mistura de objetivos complexos e muitas vezes conflitantes. A situação no Vietnã do Sul parecia estar desmoronando. Esperava-se que o bombardeio ao norte aumentasse o moral no

Sul, e mostrasse a determinação dos Estados Unidos de quebrar a vontade do Norte de continuar sua expansão. Era possivelmente uma subversão da teoria original do bombardeio estratégico.

Mas um dos elementos que mais pesava na subversão da teoria original do bombardeio estratégico, era uma nova aplicabilidade da teoria, o fato de que o Vietnã do Norte não era um país industrial. “A seleção de alvos foi completamente dominada por considerações políticas e psicológicas [...] Relativamente pouco peso foi dado às implicações puramente físicas ou mais diretamente militares e econômicas de qualquer destruição de alvos que pudesse ser alcançada.” (United States of America, A Staff Study).

Os objetivos políticos pressionados pelos militares eram sufocantes e inconsistentes com a doutrina de bombardeio estratégico da USAF. A doutrina da USAF se desenvolveu a partir de campanhas estratégicas de bombardeio na Segunda Guerra Mundial contra a Alemanha e o Japão. Mas os princípios básicos desta doutrina do poder aéreo foram quebrados no Vietnã (Ellsworth, 14).

Contra o Vietnã do Norte, foi decidida a execução do bombardeio de interdição, que ficou limitado a centros militares no entorno das cidades de Hanói e Haiphong, e aos corredores de abastecimento em direção ao Sul. De acordo com Pimlott, “as restrições militares e políticas foram tantas que a Operação *Rolling Thunder* se converteu, para os observadores, num meio-termo insatisfatório” (605).

A operação *Rolling Thunder* caracterizou-se pelo uso *limitado e gradual* do Poder Aéreo que era uma tese defendida por Robert *McNamara*, e de fato não conseguiria danificar a capacidade de continuar lutando do Vietnã do Norte, em razão, das várias limitações impostas pelo presidente Lyndon Johnson quanto aos ataques contra as bases de caças e sítios de mísseis antiaéreos e baterias antiaéreas.

Os defensores dos ataques responderam que, no mínimo, a ofensiva custou muito ao Vietnã do Norte por apoiar a guerra no Sul e de alguma forma salvou vidas americanas. Se não obteve o sucesso esperado, fora por causa das restrições nos alvos e do aumento gradual do bombardeio, [e não efetivo] que deu ao Vietnã do Norte tempo para se adaptar (United States of America, A Staff Study).

Pode-se entender que a ideia do bombardeio estratégico e de interdição haviam falhado servindo como uma ferramenta política na guerra a favor do Vietnã do Norte, de 1965, quando começou o bombardeio regular do Vietnã do Norte até 1968, quando foi interrompido, a tentativa de promover um acordo negociado também havia falhado.

Uma questão importante deve ser levada em consideração, algo que se assemelha muito ao que Truman havia feito na Coreia. O conflito para os EUA foi tomado partir do conceito de guerra limitada sob os presidentes John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson, como parte de uma estratégia para conter a

disseminação do comunismo sem provocar um confronto mais amplo com a China e a União Soviética. Isso fica demonstrado pela limitação das ações da *Rolling Thunder*, e por consequência levou ao fracasso da operação.

Simultaneamente, a *Rolling Thunder* pode ser compreendida como uma campanha de interdição, uma expedição punitiva e um teste de vontade. No entanto, como parte da teoria dos Estados Unidos de guerra limitada, predominante na época, era vista como uma campanha limitada por evitar ampliar a guerra para além do Vietnã do Sul e do Vietnã do Norte (Parks 1982) A ideia de guerra total só poderia ser compreendida a partir da perspectiva do Vietnã do Norte, cuja vitória seria decisiva para a consecução de seus objetivos, a unificação total do Vietnã.

Durante a Guerra Fria a ideia do bombardeio estratégico mudou muito, passando a ser definido pela utilização de armas nucleares. A era da campanha massiva de bombardeio estratégico havia terminado. Sendo substituído por ataques mais devastadores, usando tecnologia aprimorada. O bombardeio estratégico pelas grandes potências acabou se tornando politicamente indefensável (Nalty and Thompson). Pode se afirmar que as consequências políticas resultantes da destruição em massa encerraram o princípio da clássica campanha estratégica de bombardeio. No Vietnã havia a possibilidade de se utilizar armas nucleares, mas os objetivos certamente não seriam atingidos, pois a utilização desses artefatos no conflito teria arrastado a China e a União Soviética para ele, e a resposta aos EUA seria no mesmo nível, o que acabaria provando a inviabilidade da teoria de Douhet.

Esta campanha limitada não conseguiu destruir quantidades significativas de material bélico ou diminuir os objetivos do Vietnã do Norte. A necessidade de controle cuidadoso acabou por enfraquecer o impacto normalmente causado pelo bombardeamento estratégico convencional, refletindo-se na limitação dos propósitos da Operação *Rolling Thunder*.

## 6. O SISTEMA OFENSIVO DOS EUA

Lyndon Johnson coordenou, como nenhum outro presidente dos EUA havia feito antes em nenhuma guerra, todas as operações aéreas; Johnson almoçava quase todas as terças feiras na companhia de um grupo de conselheiros civis e membros do gabinete, e nessas ocasiões determinava não só quais os alvos seriam atingidos, mas o peso total do esforço da guerra aérea.

O “grupo do almoço”, como ficou conhecido, consistia no secretário de Estado Dean Rusk, o secretário de Defesa Robert McNamara, o assessor de Segurança Nacional McGeorge Bundy e, posteriormente, por seu sucessor Walt Rostow. Participava ainda o seu secretário de imprensa, Bill Moyers, e depois

George Christian que o sucedeu. Após 1966, por incentivo de Rostow, o “grupo do almoço” foi ampliado com a inclusão do diretor da CIA Richard Helms e do presidente do *Joint Chiefs of Staff*, general de Exército Earle Wheeler (Jacobsen). Nenhum alvo era atacado sem que o presidente Lyndon Johnson soubesse qual seria. Na cadeia de comando as tarefas eram conduzidas da seguinte maneira:

McNamara ou Wheeler transmitia as decisões dos almoços de terça ao Estado-Maior Conjunto, que passava as ordens de execução para o Comandante-em-Chefe do Comando do Pacífico (CINCPAC) em Pearl Harbor. Por sua vez, CINCPAC, em um comando conjunto, distribuía as ordens de execução para o Comandante-em-Chefe da Frota do Pacífico e ao Comandante-em-Chefe da Força Aérea do Pacífico. Por sua vez, este comando operacional informava aos comandantes táticos mais importantes, a 2ª Divisão Aérea (mais tarde 7ª Força Aérea) e a 7ª Frota. E mais abaixo para os aviadores. (Jacobsen).

A disposição funcional da Operação *Rolling Thunder* e a relação entre USAF e Marinha expuseram muitos problemas das unidades militares que estavam envolvidos com ela, e tendia a acentuar outros. Uma questão-chave (e que não foi resolvida até 1968) foi a disposição de comando e controle das operações no Sudeste Asiático.

Havia a Segunda Divisão Aérea que foi substituída em 1º de abril de 1966 pela Sétima Força Aérea; era ostensivamente responsável pelas operações aéreas sobre o Norte e o Sul do Vietnã, comandada pelo General William Momyer; tinha seus caças estacionados na Tailândia, mas estava subordinada, no entanto, ao MACV e a seu comandante, o General William C. Westmoreland, que tendia a dar mais atenção às suas prioridades e aos problemas das forças de terra concentrados no Sul (W. Thompson 14).

Havia ainda a 13ª Força Aérea, que operava conjugada com a Sétima Força Aérea, ambas realizaram a maioria dos ataques da Força Aérea dos EUA contra o Vietnã do Norte. O General Westmoreland relatava à Sétima Força Aérea as questões operacionais; e para a Décima Terceira Força Aérea, cuja sede ficava nas Filipinas, as preocupações logísticas e administrativas.

Esta complexidade de comando e controle cresceu e tornou-se ainda mais complicada com a divisão do esforço aéreo em quatro áreas de atuação. A USAF durante a guerra aérea no Vietnã do Sul teve que ajustar a necessidade de compartilhar suas aeronaves com as operações realizadas no Vietnã do Norte e Laos, no Norte e no Sul. Conforme Schlight, “[...] desde o seu nascimento, a guerra aérea americana no Sudeste asiático foi limitada por essa exigência” (24).

No que se refere às operações aeronavais, a unidade dotada de meios aéreos para atacar o Vietnã do Norte era Força-Tarefa 77 que recebia suas ordens do comandante da Sétima Frota, subordinada ao Almirante Ulysses Simpson Grant Sharp Jr. do CINCPAC em Pearl Harbor no Havaí. Este, por sua vez, aceitou que o comandante da Sétima Força Aérea presidisse “[...] um Comitê de coordenação [de operações] com representantes da Sétima Frota e da Força Tarefa 77” (W. Thompson 18-19). A Marinha detinha muita influência, e, em decorrência disso, não se conseguiu que ela integrasse suas atividades aéreas com as da USAF; assim as “[...] duas forças conduziram separadas os seus próprios” ataques (W. Thompson 19).

A estrutura de comando constituída para atacar o Vietnã do Norte comprometia a eficiência das operações aéreas sem um comando unificado em torno da USAF; esta deveria ser responsável por controlar e coordenar todas as aeronaves no teatro de operações, “[...] a partir de um único comando central” (Schlight 24). O que de fato não ocorreu. A cadeia de comando, por meio da qual os pedidos para a realização de ataques tiveram que fluir, também revela a grande complexidade da campanha (Van Staaveren 72-76).

A maioria dos ataques da USAF durante a *Rolling Thunder* foi lançada a partir de quatro bases aéreas, localizadas na Tailândia, eram elas: Korat, Takhli, Udon Thani, e Ubon. Apenas uma base no Vietnã do Sul, em Da Nang, forneceu unidades que tomaram parte nas missões contra o Vietnã do Norte.

Foi decidido que, a fim de evitar conflitos de operação entre USAF e as forças aeronavais da Marinha, o espaço aéreo do Vietnã do Norte foi dividido em seis regiões alvo, (W. Thompson 18), que eram chamados de *Route Package* (Pacotes de Rota), cada um dos quais foi designado para a USAF e para a Marinha, e uma força não poderia interferir na área de operação da outra. Uma Equipe de Coordenação conjunta da USAF e US Navy se reuniram em dezembro de 1965 para indicar os limites de operações aéreas de ambas as forças sobre o Vietnã do Norte, sendo divididos em seis setores. Os setores 1; 5 e 6A eram responsabilidade da USAF. Os setores 2; 3; 4 e 6B eram de responsabilidade da Aviação Naval (Boyne, “Route Pack 6” 56-61).

Os ataques da Marinha eram lançados a partir dos porta-aviões da Força Tarefa 77, ao largo da costa norte-vietnamita em um ponto chamado de *Yankee Station* (Estação Yankee).<sup>13</sup> As aeronaves navais levaram cargas de bombas mais leves do que os jatos da USAF, e tinham intervalos mais curtos de viagem. A maioria de seus ataques era contra alvos costeiros, mas atacavam também o interior.

---

13 Foi um ponto em mar aberto, localizado no Golfo de Tonkin, próximo à costa do Vietnã do Norte, utilizado pelos porta-aviões da Força Tarefa 77 da Marinha dos EUA para lançar ataques durante a Guerra do Vietnã. Ver Nichols and Barrett.

Lidar com o alerta e direção desses ataques ainda representava, “em 1966, o elo mais fraco da defesa aérea norte-vietnamita” (Toperczer, *MiG-17* 21), e gerava grande dificuldade nas operações de interceptação sobre o mar.

## 7. A “GUERRA DO POVO CONTRA A GUERRA AÉREA”: O SISTEMA DEFENSIVO DO VIETNÃ DO NORTE

Antes mesmo de a operação *Rolling Thunder* começar, o presidente Ho Chi Minh, o ministro da Defesa Vo Nguyen Giap, e o comandante da ADF *Air Defence Forces* (Forças de Defesa Aérea) e da VPAF *Vietnam People Air Force* (Força Aérea Popular do Vietnã), Col. Gen. Phung The Tai e toda staff militar norte-vietnamita, sabiam o que estava por vir. O governo emitiu, em fevereiro 1965, uma diretiva para os militares e para a população: “[...] manter a comunicação e transporte e esperar a completa destruição de todo o país, incluindo Hanói e Haiphong” (Van Staaveren 83). A liderança do Partido Comunista havia declarado “[...] guerra do povo contra a guerra aérea de destruição [...] cada cidadão é um soldado, cada aldeia, rua [...] é uma fortaleza na batalha antiamericana” (Morrocco 96). Todos, exceto aqueles considerados “[...] verdadeiramente indispensáveis para a vida da capital”, foram evacuados para o campo. Em 1967, a população de Hanói tinha sido reduzida à metade (Morrocco 137). As reuniões dos planejadores da defesa aérea eram permanentes.

Os desafios para o Vietnã do Norte eram gigantescos, pelas próprias condições da guerra em terra. O desafio da guerra aérea, como muitos comparavam à época, era uma luta entre Davi e Golias, e tal como confirmou Hobsbawm na época, “[...] o número de Golias que tem sido derrubado pelos estilingues dos Davi já é impressionante[...]" (213) e, como a guerra no solo, somente um embate nos termos de uma guerrilha aérea poderia trazer um resultado tão favorável.<sup>14</sup>

Os norte-vietnamitas tiveram que fortalecer a sua força aérea e as defesas aéreas em um curto espaço de tempo. Havia ainda poucos caças de combate, e estavam em grande desvantagem numérica em relação aos jatos da USAF e da Marinha. Além disso, o padrão de treinamento dos pilotos de caça do Vietnã do Norte era [ainda naquele momento] inferior ao de seus adversários (Toperczer, *MiG-17* 20).

---

14 Essencialmente o Vietnã do Norte ocupou-se em defender-se, houve somente uma missão de ataque durante a *Rolling Thunder* impetrada pela VPAF; esta foi realizada por quatro aeronaves Antonov An-2 no posto de radar localizado no Laos que orientava os bombardeiros norte-americanos que atacavam o Vietnã do Norte, a missão não deu certo, sendo as aeronaves interceptadas por helicópteros da Air America, a companhia aérea mantida pela CIA. Ver W. Thompson 102.

A ADF e a VPAF eram as forças responsáveis pelo controle do espaço aéreo do Vietnã do Norte; estas se unificaram em 1963, sob um comando conjunto; mas em fins de 1964 ainda não estava com capacidade operacional suficiente para se defender contra os primeiros ataques; a ofensiva norte-americana iria intensificar o apoio logístico da União Soviética e da China e tornaria a ADF-VPAF uma força eficiente (Toperczer, *MiG-17* 15).

Ao iniciar a *Rolling Thunder*, a VPAF dispunha originalmente de apenas cinquenta e três caças de combate MiG-17 que, naquele momento, era a principal aeronave (Morrocco 102). Apesar de ser considerado antiquado pelos americanos, quando comparados a seus jatos supersônicos, os norte-vietnamitas conseguiram superar as limitações de suas aeronaves tornando-as eficientes.

Embora nunca tenha sido considerado o caça norte-vietnamita mais mortal, o MiG-17 era pesadamente armado e tinha alta manobrabilidade, especialmente em baixas altitudes, onde operava melhor que os jatos norte-americanos mais pesados e empregava com sucesso seu armamento de 23 mm [e 37mm] (Nalty et al. 38).

Eles eram muito rápidos para operações de emboscada (do tipo atirar e correr); eles também eram manobráveis o suficiente para causar choque nos pilotos de caças norte-americanos, ao derrubarem aeronaves mais avançadas como o F-105 Thunderchiefs e F-8 Crusader. Por sua vez, a USAF e a US Navy tiveram que desenvolver rapidamente novas táticas. Roger Thompson afirma que, o caça F-4 Phantom era mais novo e armado com mísseis, e se tornaria a principal plataforma de combate aéreo dos americanos (R. Thompson 64).

A primeira missão da operação *Rolling Thunder* ocorreu em 2 de março de 1965 contra um depósito de munição perto da localidade de Xom Bang. Os norte-americanos ficaram assustados quando seis de seus aviões foram abatidos durante a missão (Van Staaveren 86). Cinco dos tripulantes abatidos foram resgatados, as perdas na missão eram um presságio do que estava por vir (Morrocco 54). E a primeira vitória oficial da VPAF em combate aéreo, ocorreu em três de abril de 1965, durante a tentativa de ataque da aviação norte-americana contra a ponte da cidade de Than Hoa, quando caças MiG-17 lançado da base aérea de Noi Bai derrubaram dois F-8 Crusader<sup>15</sup> da Marinha dos EUA.

---

15 Segundo consta, um dos F 8 Crusader teria conseguido voar até Da Nang completamente danificado (Toperczer, *MiG-17* 29). Por causa do sucesso do 1º envolvimento, o dia 3 de abril foi declarado o dia da Força Aérea do Vietnã, a ocasião se deu durante a primeira série de ataques contra a ponte de Thanh Hoa. Ver Boniface 20-21.

A junção da ADF-VPAF permitiu ao Vietnã do Norte a combinação das Forças de Defesa Aérea (artilharia antiaérea e mísseis terra-ar) com as unidades equipadas com radar e a força aérea sob um mesmo comando. Forças de Defesa Aérea consistiam então de onze regimentos, dos quais três eram formados por unidades que operavam somente com radares (Toperczer, *MiG-17* 20).

Os comandantes da VPAF temiam que a aviação norte-americana utilizasse, além da vantagem numérica, a sua experiência tática para variar seus padrões de ataque; mas para sua surpresa, as forças norte-americanas adotaram uma rotina-padrão para suas missões, permitindo que os oficiais da VPAF, responsáveis pela defesa aérea, fizessem um eficiente planejamento para as missões de interceptação aos atacantes, tornando tais operações mais simplificadas a medida que a campanha se intensificava (Davies 35).

Um grande desafio para o ADF-VPAF era o formato do País o que tornava a defesa contra caças de ataque dos EUA mais complicada. De Norte a Sul, o Vietnã do Norte se estendia por 800 km, mas era uma faixa de extensão territorial muito fina, com uma largura de apenas 70 km no Sul e 400 km no Norte. Havia pouco tempo de alerta contra os jatos norte-americanos que geralmente vinham de várias direções, os caças atacantes chegavam sobre seus alvos, despejavam suas cargas, e em poucos minutos estavam cruzando a costa [ou a fronteira] (Toperczer, *MiG-17* 20).

Quando a ofensiva aérea começou, os norte-vietnamitas relativamente tinham como determinar as possíveis áreas-alvos dos atacantes, pois os aviões de reconhecimento dos EUA habitualmente faziam voos repetidos contra os alvos quase sempre um dia antes de um ataque (Boniface 21).

Mas no início de 1965 as unidades de combate que operavam com o MiG-17 tinham problemas de orientação em razão de que o sistema de defesa aérea ainda não operava plenamente a detecção e a comunicação e sem a coordenação correta do controle de terra, os pilotos tinham que encontrar seus alvos visualmente. No entanto, isso se revelou uma vantagem, pois as grandes formações de aeronaves inimigas poderiam ser vistas de até 15 quilômetros de distância à luz do dia, e sem a iluminação dos radares norte-vietnamitas os pilotos americanos não ficavam alertas e não temiam serem localizados, os norte-vietnamitas podiam então se aproximar rapidamente dos caças-bombardeiros dos EUA e derruba-los (Toperczer, *MiG-17* 22).

Para os norte-vietnamitas foi de vital importância descobrir que as trajetórias dos “Pacotes de Rota” não mudavam o que tornava as operações de defesa do espaço aéreo do Vietnã do Norte mais favorável a VPAF; essa informação lhes permitiu ao longo da campanha principalmente entre 1966 e 1968 rastrear, localizar e marcar a posição de interceptação, analisando a

frequência das chamadas e o padrão de voo dos caças F-105 e F-4 da USAF, e A-4 e A-6 da Marinha.

Enquanto a guerra ia se arrastando, um fornecimento contínuo de equipamento da China, a União Soviética União e outros países comunistas abasteciam os norte-vietnamitas com uma grande quantidade de armas. Havia caças MIG-17 nos modelos F e PF e MiG-21 nos modelos F-13; PF; PFM e MF.<sup>16</sup>

Agregado ao dispositivo aéreo, o sistema de defesa antiaérea era muito eficiente, com uma respeitável força de mísseis terra-ar que com armas de artilharia antiaérea, dotadas de canhões de diferentes calibres: 37, 57, 85 e 100 mm. Um programa de formação contínua para os pilotos e unidades terrestres tornou as defesas aéreas cada vez mais eficazes, tanto de dia como de noite.<sup>17</sup> Houve uma melhoria considerável do sistema de detecção, o que contribuiu significativamente para o controle de terra nas missões orientação para interceptação sobre o Vietnã do Norte.

## 8. “OS BOMBARDEIOS SE MOSTRAVAM INÚTEIS”: A VITÓRIA DOS NORTE-VIETNAMITAS NOS EMBATES AÉREOS

Entre 1966 e 1967, o VPAF, além do MiG-17 já operava também o MiG-21, que o empregava em combate em formações de um ou dois pares de caças; eram orientados por uma central de GCI, *Ground-Controlled Interception* (Interceptação Controlada de Terra), que guiava os pilotos para interceptação por trás das formações em rotas de voo utilizadas pelos aviadores norte-americanos (Mladenov 47-48).

Os caças norte-vietnamitas tinham um espaço aéreo limitado para engajar os seus inimigos, porque eles eram proibidos de entrar em áreas protegidas por unidades de artilharia antiaérea, ou aqueles guardados por bases de mísseis terra-ar, a não ser que estivessem retornando para suas bases em uma altitude de 500-600m. Uma ação coordenada por pilotos e unidades de SAM dentro da mesma área de defesa eram difíceis (Toperczer, MiG-17 21).

---

16 Havia ainda unidades que utilizavam radares de alta e baixa altitude, e diferentes frequências, de fabricação russa, “P-12 ‘Spoon Rest’, P-15 ‘Flat Face’, P-35 ‘Bar Lock’ e PRV-11 ‘Side Net’” (Toperczer, *MiG-17 22*).

17 Os mísseis mais comuns eram: “SA-2, SA-3, SA-7, SON-09/04, ‘Fan Song’ e ‘Low Blow’” de fabricação russa e chinesa (Toperczer, *MiG-17 22*).

Em casos especiais, se um piloto estivesse em uma perseguição, saindo de um combate aéreo ou se preparando para pousar, seria dada a ele permissão pelo centro de comando para operar em uma altitude diferente (Toperczer, MiG-17 22). O risco de incidentes “de fogo amigo” era alto.

Para os pilotos do Vietnã do Norte, caso fossem derrubados em combate, ao se ejetar, estariam ao abrigo de seu território, ao contrário dos aviadores norte-americanos, que, uma vez abatidos, teriam que se ejetar sobre território hostil. Isso gerava outra situação muito adversa para as Forças Aéreas norte-americanas, a de montar uma complicada missão de resgate que envolvia a participação de várias outras unidades.<sup>18</sup>

Embora a maioria das perdas de aeronaves das Forças Aéreas norte-americanas continuasse a ser atribuída ao fogo de canhões antiaéreos, os F-105 da USAF e os A-4 da Marinha encontravam cada vez mais baterias de mísseis terra-ar e os caças MiGs. Os caças do Vietnã do Norte também se tornaram um problema particular para os atacantes por causa da falta de cobertura de radar na região do delta do rio Vermelho, o que permitiu aos MiG surpreenderem as forças de ataque norte-americanas. As aeronaves de alerta aéreo antecipado da USAF tinham dificuldade em detectar os caças norte-vietnamitas a baixas altitudes, além de que as aeronaves eram difíceis de se localizar visualmente, (W. Thompson 17) por causa de seu tamanho.

Nas batalhas ocorridas sobre o Vietnã do Norte, os pilotos americanos acabaram pagando um preço muito alto pelas limitações de voo, principalmente em razão da USAF e da Aviação Naval terem abandonado a prática de combate a curto alcance; perderam muitos aviões para a habilidade dos aviadores do Vietnã do Norte que pilotavam o MiG-17 e MiG-21, mais manobráveis do que o F-4 e o F-105 que tinham limitações de armamentos.<sup>19</sup>

Mas no início de 1967, a USAF preparou uma grande ação de combate chamada Operação Bolo,<sup>20</sup> a fim de deter os pilotos de MiG-21 que atuavam contra os caças de ataque F-105; ou seja, cinco aeronaves do Vietnã do Norte foram derrubadas durante os combates, todos os pilotos se ejetaram, e não houve perdas do lado americano (Boyne, “MiG Sweep” 46-51).

---

18 As missões de resgate quase sempre envolviam unidades especiais da USAF, geralmente um grande helicóptero Sikorsky HH-53B, dois A-1 Skyraiders e um C-130 especial para operações de controle aéreo.

19 O F-4 teve que passar por adaptações para incorporação de um canhão de múltiplos canos em um adaptador ventral, até então o seu principal armamento eram mísseis de curto e médio alcance, o F-105 possuía canhão para autodefesa, mas era uma aeronave de ataque supersônico, ver Neubeck.

20 A operação foi planejada pelo coronel Robin Olds e executada por unidades da 8ª Ala de Caças Táticos que este comandava.

Com o progresso da guerra, os pilotos norte-vietnamitas adquiriram mais experiência e habilidade e souberam tirar o máximo proveito dos equipamentos que dispunham, sobrepondo as suas limitações quantitativas. Mladenov observou:

Tão pequeno e rápido era o MiG-21 que seus pilotos foram capazes de montar ataques de alta velocidade, muitas vezes invisíveis aos pacotes integrados de caças bombardeiros e as suas escoltas de F-4, da US Force (USAF) e US Navy (USN) que se dirigiam a alvos ao redor das cidades de Hanói e Haiphong. (Mladenov 48).

Uma grande cobertura midiática das ações aéreas sobre o Vietnã do Norte era realizada por muitos jornais europeus como o *Le Monde*, ou norte-americanos como o *New York Times* e o *Chicago Tribune*; a imprensa noticiava os ataques, mesmo quando a situação era adversa para os norte-americanos, tal como ocorreu em 23 de agosto de 1967, quando os EUA tiveram um grande número de caças derrubados.

O comando dos Estados Unidos divulgou ontem que seis aviões e oito tripulantes foram perdidos em 132 múltiplas missões sobre o norte. Estes incluíram dois jatos da marinha A-6 Intruders e dois homens da tripulação que oficialmente disseram que foram abatidos próximo a fronteira da China Vermelha durante a tentativa de escapar de ataques dos MiG. A perda dos seis aviões aumentou para 653 o total de aviões oficialmente listado como destruído mais ao norte. A maior taxa de um dia foi o último 02 de dezembro [1966], quando 8 foram derrubados com 13 tripulantes (“Foi reportado” 7).

O dia 2 de dezembro de 1966 é uma referência à primeira grande perda de aeronaves da aviação norte-americana, em uma única missão sobre o Vietnã do Norte, o dia ficou conhecido como, “Black Friday” (Sexta Feira Negra). A data de 23 de agosto de 1967 também passou a ser considerada como trágica para as Forças de Caças dos EUA, os pilotos norte-americanos apelidaram o dia de “Black Wednesday” (Quarta Feira Negra) por conta das perdas nos combates aéreos travados com a VPAF (W. Thompson 86).

Após 21 meses de campanha aérea Ho Chi Minh dirigiu em 23 de dezembro de 1966 uma mensagem de ano novo ao povo dos EUA, na qual lembrava:

Os povos vietnamita e americano deveriam ter vivido em paz e amizade. Mas o governo dos Estados Unidos enviou descaradamente mais de 400 mil soldados junto com milhares de aeronaves e centenas de navios de guerra para cometerem agressões contra o Vietnã. Noite e dia usam bombas de napalm, gases tóxicos, bombas de fragmentação e outras armas modernas para massacrar nosso povo, não poupam até mesmo pessoas idosas, mulheres e crianças, queimaram ou destruíram aldeias e cidades, e perpetraram crimes extremamente selvagens. (Minh).

A mensagem representava a outra frente de batalha, com o sentido de sensibilizar o povo norte-americano, e a opinião pública internacional contra a desproporcional agressão das forças norte-americanas; a *Rolling Thunder* levava a guerra para dentro do Vietnã do Norte e a imagem da destruição do país causava um incômodo igualmente desproporcional.

Havia grande esforço dos norte-vietnamitas para conter os caças norte-americanos; em fins de 1967, com quase três anos do seu início, a Operação *Rolling Thunder* estava em seu auge. Como em vários jornais, o *Le Monde* dava ampla cobertura sobre a ofensiva aérea dos EUA:

Saigon, 18 dez (APP). - Um novo ataque foi realizado segunda-feira Hanói por aviões norte-americanos. A ponte de Paul Doumer, ambas as margens do rio Vermelho e do setor de Gia Lam foram os principais alvos, mas os ataques de diversão foram realizados simultaneamente em outros pontos na região de Hanói. [...] Muitas batalhas foram realizadas domingo no Vietnã do Norte, onde aviões dos EUA voltaram a atacar as bases de Mig em Phuc Yen e Kep, localizadas respectivamente 30 e 60 km a nordeste de Hanói. De acordo com Hanói, cinco aviões americanos foram derrubados durante os combates. (“O Mundo. Muitas batalhas”).

Em novembro de 1967, Robert McNamara recomendou a paralisação dos bombardeios que, segundo ele, “se mostravam inúteis”.<sup>21</sup> O presidente Johnson rejeitou sua proposta, restando a McNamara renunciar ao cargo de Secretário da Defesa no mesmo mês de novembro de 1967 (Bandeira 263).

---

21 Robert McNamara escreveu em suas memórias sobre o fracasso da *Rolling Thunder* e da própria política norte-americana para o sudeste asiático, ver McNamara.

Nos 1.305 dias decorridos da *Rolling Thunder*, de 3 de março de 1965 a 31 de outubro de 1968, o VPAF tinha lançado 1.602 missões de combate, tomou parte em 251 encontros aéreos, e abateu 218 aviões norte-americanos de dezenove tipos diferentes; e muitos dos pilotos norte-americanos acabaram se tornando prisioneiros de guerra (Toperczer, *Air War* 31). Enquanto os norte-vietnamitas perderam somente 87 MiGs (Boniface 77).

Até meados de 1968, a operação *Rolling Thunder*, tinha custado aos EUA, em valores à época, cerca de US\$ 900.000.000 (novecentos milhões de dólares americanos), com a perda de mais de 700 aeronaves (Tilford Crosswinds 158). Três anos após o início da Campanha de bombardeios, o presidente Ho Chi Minh, o seu ministro da defesa Vo Nguyen Giap e os membros do Partido Comunista em Hanói não mais pareciam dispostos a discutir qualquer acordo de paz. Às vésperas de novo pleito presidencial nos EUA, do qual Johnson não se candidatou à reeleição, os líderes políticos em Washington, acuados pela pressão da opinião pública doméstica e internacional, buscavam uma saída honrosa para a campanha aérea.

A solução para o fim da operação *Rolling Thunder*, para além das manifestações pacifistas, paradoxalmente veio com a ofensiva do Tet (Ano Novo lunar vietnamita), lançada pelo Exército do Vietnã do Norte e pelos guerrilheiros vietcongues no início de 1968. Logo que os ataques das Forças norte-vietnamitas foram contidos, no final de março, Johnson propôs o fim dos bombardeios ao Norte do paralelo 19, em troca de conversações. Em 3 de abril, Ho Chi Minh manifestou sua concordância, mesmo assim a operação *Rolling Thunder* não foi interrompida de imediato e a campanha de bombardeio continuou até 31 de outubro de 1968, quando foi definitivamente abandonada pelo governo dos EUA.

## 9. CONCLUSÃO

A operação *Rolling Thunder* havia sido planejada como um elemento de impacto na estratégia norte-americana para o Vietnã; é possível perceber a intenção de se atingir pelo menos cinco metas: (1) destruir a infraestrutura do Vietnã do Norte; (2) desencorajá-los a continuar sua conduta ofensiva em relação ao Sul e, por extensão, dissuadi-los a abandonar o seu projeto político de unificação; (3) levá-los à mesa de negociação, segundo as vontades do governo norte-americano; (4) dar autoconfiança às forças norte-americanas e sul-vietnamitas; e (5) um objetivo mais amplo, não obstante as restrições, mostrar a Rússia e a China que os aviões norte-americanos poderiam debilitar o Vietnã do Norte.

A tenaz defesa aérea e antiaérea organizada pelos norte-vietnamitas ajudou a debelar as missões da aviação norte-americana. À medida que os principais centros urbanos, militares, portuários e de sua incipiente indústria eram atingidos a resposta da defesa aérea tornava-se mais aguerrida, fato que dificultava, sobremaneira, que os norte-americanos atingissem os seus objetivos.

Em meados do século XIX, Carl von Clausewitz em *Da Guerra*, havia definido a guerra como “um ato de força para obrigar o inimigo a fazer a nossa vontade”, um século depois, os militares norte-vietnamitas, inverteram essa lógica e simplesmente se recusaram a aceitar o tipo de guerra aérea que os militares norte-americanos tentaram impor-lhes, e converteram a campanha aérea a um grande desgaste que atingiu a própria opinião pública dos EUA. A violência dos ataques também acabou levando a uma série de protestos domésticos e pelo mundo afora.

No conjunto das operações bélicas desenvolvidas no Vietnã, o resultado da operação *Rolling Thunder* não levou somente ao fracasso em atingir os objetivos militares, mas também à perda de vidas humanas, a perdas materiais, e à perda da força moral que o governo dos EUA julgava ter. O fracasso da operação *Rolling Thunder* levou não apenas à derrota política o partido Democrata no pleito presidencial de 1968, mas também levou o povo norte-americano a um profundo questionamento ético sobre a atuação dos políticos e militares dos EUA naquele conflito.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Asselin, Pierre. “The Democratic Republic of Vietnam and the 1954 Geneva Conference: A revisionist critique”. *Cold War History*, vol. 11, no. 2, May. 2011, pp. 155-195. <https://doi.org/10.1080/14682740903244934>
- Bandeira, Luiz Alberto M. *Formação do Império Americano: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque*. Civilização Brasileira, 2009.
- Biddle, Tami Davis. *Rhetoric and Reality in Air Warfare: The Evolution of British and American Ideas about Strategic Bombing, 1914-1945*. Princeton University Press, 2002. <https://doi.org/10.1086/ahr/107.5.1531-a>
- Briggs, Randall N. “Compound Warfare in the Vietnam War”. *Compound Warfare: That Fatal Knot*, editor Thomas M. Huber, U.S. Army Command and General Staff College Press, 2002.
- Boniface, Roger. *MiGs Over North Vietnam: The Vietnam People’s Air Force in Combat, 1965-1975*. Crecy Publishing, 2015.



- Bowman, John S. *The World Almanac of the Vietnam War*. Bison Books, 1985.
- Boyne, Walter. “MiG Sweep”. *Air Force Magazine*. Arlington, vol. 81, no. 11, Nov. 1998, pp. 46-51.
- . “Route Pack 6”. *Air Force Magazine*. Arlington, Va. vol. 82, no. 11, Nov. 1999, pp. 56-61. <https://www.airforcemag.com/article/1198sweep/>
- Chieu, Vu Ngu. “The Other Side of the 1945 Vietnamese Revolution: The Empire of Viet-Nam (March-August 1945)”. *The Journal of Asian Studies*, vol. 45, no. 2, Feb. 1986, pp. 293-328. <https://doi.org/10.2307/2055845>
- Clausewitz, Carl von. *Da guerra*. Martins Fontes, 1996.
- Cosmas, Graham A. *The Joint Chiefs of Staff and the War in Vietnam, 1960-1968*. Washington, DC, Office of Joint History Office of the Chairman of the Joint Chiefs of Staff, 2012. <https://doi.org/10.21236/ada557393>
- Davies, Peter. *F-4 Phantom II Vs MiG-21: USAF & VPAF in the Vietnam War*. Osprey Publishing Ltd., 2008.
- Douhet, Giulio. *The Command of the Air*. Air Force History and Museums Program, 1998.
- Ellsworth, John K. *Operation Rolling Thunder: Strategic Implications of Airpower Doctrine*. Pickle Partners Publishing, 2014. <https://doi.org/10.21236/ada414074>
- “Foi reportada a perda de seis aviões”, *Chicago Tribune*, quarta-feira, 23 de agosto de 1967, p. 7. [archives.chicagotribune.com/1967/08/23/page/7/article/yank-flyers-blast-bridge-near-hanoi](https://www.archives.chicagotribune.com/1967/08/23/page/7/article/yank-flyers-blast-bridge-near-hanoi).
- Guan, Ang Chen. “The Vietnam War, 1962-64: The Vietnamese Communist Perspective”. *Journal of Contemporary History*, vol. 35, no. 4, Oct. 2000, pp. 601-618. <https://doi.org/10.1177/002200940003500405>
- Hall, Mitchell K. “The Vietnam Era: antiwar Movement”. *OAH Magazine of History*, vol. 18, no. 5, Oct. 2004, pp. 13-17. <https://doi.org/10.1093/maghis/18.5.13>
- Hobsbawm, Eric. *Revolucionários: ensaios contemporâneos*. Paz e Terra, 2015.
- Hopkins, George W. “Historians and the Vietnam War: The Conflict Over Interpretations Continues”. *Studies in Popular Culture*, vol. 23, no. 2, Oct. 2000, pp. 99-108.
- Hung, Nguyễn Sỹ và Liên, Nguyễn Nam. *Những Trận Không Chiến Trên Bầu Trời Việt Nam (1965-1975) Nhìn Từ Hai Phía. (Batalhas aéreas no céu do Vietnã (1965-1975) vistas de ambos os lados)*. People’s Army Publishing House, 2017. <https://doi.org/10.15419/bmrat.v6i11.572>

- Immerman, Richard H. *John Foster Dulles: Piety, Pragmatism, and Power in U.S. Foreign Policy*. Scholarly Resources, 1999. <https://doi.org/10.1162/jews.2002.4.3.123>
- Jacobsen, Mark. "Washington's Management of The Rolling Thunder Campaign". *Colloquium on Contemporary History "Air Operations in the Vietnam War"*, Naval History and Heritage Command, 2014.
- Jian, Chin. "China's Involvement in the Vietnam War, 1964-69". *The China Quarterly*, no. 142, jun., 1995, pp. 356-387. <https://doi.org/10.1017/s0305741000034974>
- Johnson, Lyndon Baines. "Address at Johns Hopkins University: "Peace Without Conquest" April 7, 1965". *Public Papers of the Presidents of the United States: Lyndon B. Johnson, 1965*. Volume I, entry 172, pp. 394-399. Washington, D. C., Government Printing Office, 1966. <https://doi.org/10.1080/10510978209388449>
- Journoud, Pierre. "Guerra do Vietnã (1964-1975)". *O Século de Sangue - 1914-2014: as vinte guerras que mudaram o mundo*. Organizadores Emmanuel Hecht e Pierre Servent Pierre, Contexto, 2015.
- Kamps, Charles Tustin. "The JCS 94-Target List: A Vietnam Myth That Still Distorts Military Thought". *Aerospace Power Journal*. vol. 15, no. 1, Mar-Jun 2001, pp. 67-80. [apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a524103.pdf](https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a524103.pdf).
- Kaspi, André. *Kennedy*. Folio ABC, 2003.
- Keegan, John. *Dien Bien Phu: derrota no Vietnã*. Renes, 1979.
- Lemay, Curtis E. and MacKinlay Kantor. *Mission with LeMay: My Story*. Doubleday, 1965.
- "Kosygin em Hanói". *Le Monde*, 09 de fevereiro de 1965. [/www.lemonde.fr/archives/article/1965/02/09/m-kossyguine-a-hanoi-l-u-r-s-s-est-prete-a-fournir-l-aide-necessaire-au-nord-si-sa-souverainete-et-son-independance-sont-menacees\\_2184711\\_1819218.html#8rCY4qkH7SUPVqVf.99](http://www.lemonde.fr/archives/article/1965/02/09/m-kossyguine-a-hanoi-l-u-r-s-s-est-prete-a-fournir-l-aide-necessaire-au-nord-si-sa-souverainete-et-son-independance-sont-menacees_2184711_1819218.html#8rCY4qkH7SUPVqVf.99).
- Logevall, Frederick. "Bringing in the "Other Side": New Scholarship on the Vietnam Wars". *Journal of Cold War Studies*, vol. 3, no. 3, Sep. 2001, pp. 77-93. <https://doi.org/10.1162/152039701750419529>
- Magnoli, Demétrio, org. *História das Guerras*. Contexto, 2006.
- May, Ernest R. "1947-48: When Marshall Kept the U.S. out of War in China." *Journal of Military History*, vol. 66, no. 4, Oct. 2002, pp. 1001-1010. <https://doi.org/10.2307/3093261>
- Mccoy, James W. *Secrets of the Viet Cong*. Hippocrene Books, 1992.
- Mcnab, Chris e Andrew Wiest. *A história da Guerra do Vietnã*. M. Books do Brasil, 2016.

- McNamara, Robert S. *In Retrospect: The Tragedy and Lessons of Vietnam*. Random House, 1995.
- Military Institute of Vietnam. *Victory in Vietnam: the Official History of the People's Army of Vietnam, 1954-1975*. Translated by Merle C Pribbenow. University Press of Kansas, 2002. <https://doi.org/10.2307/3591925>
- Minh, Ho Chi. *Message to the American People*. December 23, 1966. <http://www.historyisaweapon.com/defcon2/hochiminh/>.
- Mladenov, Alexander. *Mikoyan-Gurevich MIG-21*. Osprey Publishing Ltd, 2014.
- Moïse, Edwin E. *Tonkin Gulf and the Escalation of the Vietnam War*. University of North Carolina Press, 1996. <https://doi.org/10.1086/ahr/103.5.1723>
- Morocco, John. *Thunder from Above: Air War, 1941-1968*. Boston Publishing Company, 1984.
- Moyar, Mark, "Vietnam: Historians at War." *Academic Quest*, vol. 21, no. 1, Mar. 2008, pp. 37-50. <https://doi.org/10.1007/s12129-008-9045-y>.
- Nalty, Bernard C, et al. *Guerra Aérea no Vietnã*. Nova Cultural, 1986.
- Nalty, Bernard C. and Wayne Thompson. *Within Limits: The U.S. Air Force and the Korean War*. University Press of the Pacific, 2005.
- Neubeck, Ken. *F-105 Thunderchief In Action*. Squadron/Signal Publications, 2002.
- Nichols, John and Tillman Barrett. *On Yankee Station: The Naval Air War over Vietnam*. Naval Institute Press, 1987.
- "O Mundo. Muitas batalhas aéreas no Norte." *Le Monde*, 19 de dezembro de 1967, [www.lemonde.fr/archives/article/1967/12/19/nombreux-combats-aeriens-au-nord\\_2611319\\_1819218.html#fL1kFdSpU7beMUbl.99](http://www.lemonde.fr/archives/article/1967/12/19/nombreux-combats-aeriens-au-nord_2611319_1819218.html#fL1kFdSpU7beMUbl.99).
- "ONU: Diplomatas Americanos". *Le Monde*, 09 de fevereiro de 1965, [www.lemonde.fr/archives/article/1965/02/09/o-n-u-les-diplomates-americains-s-efforcent-de-convaincre-l-opinion-mondiale-que-le-raid-de-represailles-n-est-pas-lie-a-la-visite-de-m-kossyguine\\_2184448\\_1819218.html#tfKSIgcdAs4pYoEJ.99](http://www.lemonde.fr/archives/article/1965/02/09/o-n-u-les-diplomates-americains-s-efforcent-de-convaincre-l-opinion-mondiale-que-le-raid-de-represailles-n-est-pas-lie-a-la-visite-de-m-kossyguine_2184448_1819218.html#tfKSIgcdAs4pYoEJ.99).
- Overy, Richard. *The Bombers and the Bombed: Allied Air War Over Europe 1940-1945*. Viking Press, 2014. [https://doi.org/10.1111/hisn.12077\\_64](https://doi.org/10.1111/hisn.12077_64)
- Parks, W. Hays. "Rolling Thunder and the Law of War". *Air University Review*, Jan-Feb, 1982. [https://doi.org/10.1163/2468-1733\\_shafr\\_sim170170015](https://doi.org/10.1163/2468-1733_shafr_sim170170015)
- Pimlott, John. "Rolling Thunder". *Guerra na Paz*, editora Heloisa Feres de Faria Tavares, Rio Gráfica, 1984.
- Prados, John. *The Blood Road: The Ho Chi Minh Trail and the Vietnam War*. John Wiley & Sons, 1999. <https://doi.org/10.1086/ahr/105.1.194>

- Schlight, John. *The war in South Vietnam: the years of the offensive, 1965-1968 (The United States Air Force in Southeast Asia)*. Air Force History and Museums Program, 1999. <https://doi.org/10.21236/ada208827>
- Shulimson, Jack and Charles M. Johnson. *U.S. Marines in Vietnam: The Landing and Building, 1965*. Government Printing Office, 1978.
- Small, Melvin. *Antiwarriors: The Vietnam War and the Battle for America's Hearts and Minds*. Rowman & Littlefield, 2002. <http://doi.org/10.1080/03612759.2003.10527872>.
- Stanton, Shelby L. *Vietnam Order of Battle*. Galahad Books, 1986.
- Thompson, Roger. *Lessons not Learned: The U.S. Navy's Status Quo Culture*. Naval Institute Press, 2013.
- Thompson, Wayne. *To Hanoi and Back: The U.S. Air Force and North Vietnam, 1966-1973*. Smithsonian Institution Press, 2002.
- Tilford, Earl H. *Crosswinds: The Air Force's Setup in Vietnam*. Texas A&M University Press, 1993.
- . *Setup: What the Air Force Did in Vietnam and Why*. Air University Press, 1991. <https://doi.org/10.21236/ada421969>
- Toperczer, István. *Air War Over North Vietnam: The Vietnamese People's Air Force 1949-1977*. Squadron Signal Publications, 1998.
- . *MiG-17 and MiG-19 Units of The Vietnam War*. Osprey Publishing Ltd, 2001.
- United States of America, A staff study based on the Pentagon Papers prepared for the use of the Committee on Foreign Relations United States Senate. *Study n° 5 Bombing as a Policy Tool in Vietnam: Effectiveness*. Washington: Printed for the use of the Committee on Foreign Relations U.S. Government Printing Office, 1972. [https://doi.org/10.1163/2468-1733\\_shafr\\_sim230020001](https://doi.org/10.1163/2468-1733_shafr_sim230020001)
- United States of America, Pentagon Papers. [Part IV. C. 3.] "Evolution of the War". *Rolling Thunder, Program Begins: January - June 1965*. Washington DC: Office of the Secretary of Defense, 1969.
- United States of America, Memorandum From the President's Special Assistant for National Security Affairs (Bundy) to President Johnson. *LBJ Library, National Security File, Memos to the President, McGeorge Bundy*, Volume 8, Box 2. [https://doi.org/10.1163/2468-1733\\_shafr\\_sim160020024](https://doi.org/10.1163/2468-1733_shafr_sim160020024)
- Van Staaveren, Jacob. *Gradual Failure: The Air War Over North Vietnam, 1965-1966*. Air Force History and Museums Program, 2002. <https://doi.org/10.21236/ada440196>
- Visentini, Paulo F. *A revolução vietnamita*. UNESP, 2007.

Walton, C. Dale. "Washington Deterred: China and American conduct of The Vietnam War. Texas Tech University". *4th Triennial Vietnam Symposium (Anais)*, Apr. 2002, pp. 11-13.

Wilson Center, Discussion Between Liu Shaoqi and Le Duan. Cold War International History Project (CWIHP). *Working Paper 22*, "77 Conversations." Record ID: 113058 [digitalarchive.wilsoncenter.org/document/113058](https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/113058).